

Artigo original

A linguística saussuriana em discursos sobre formação inicial de professores: projeções em ementários de cursos de letras do oeste de Santa Catarina

Saussurian linguistics present in speeches on initial teacher education: projections on syllabuses of letters courses in the west of Santa Catarina

Mary Neiva Surdi da Luz
Tamiris Machado Gonçalves

Resumo: Este artigo analisa ressonâncias do pensamento saussuriano no discurso sobre formação inicial de professores de línguas. Para tanto, recorreremos à Teoria Dialógica do Discurso, História das Ideias Linguísticas e Análise de Discurso franco-brasileira. O *corpus* são ementários de Cursos de Letras do Oeste catarinense. Os resultados apontam a essência de abordar os fundamentos da área das Letras, considerando que a linha base da linguística moderna é traçada a partir de Saussure. Dessa consideração, problematizamos o fato de a didatização dos saberes tomar a mesma sequência da constituição do discurso científico, sem considerar que, quando transposto, esse discurso já é outro.

Palavras-chave: Formação inicial de professores; Ementários; Letras; Saussure; Discurso.

Abstract: This article analyzes the resonances of Saussurian thought son speeches related to the initial training of Letters teachers. To this end, we resort to the Dialogical Theory of Speech, History of Linguistic Ideas, and the French-Brazilian Discourse Analysis. The corpus is formed by Letters courses syllabuses, in the west of Santa Catarina. The results point to the essence of approaching the fundamentals of Letters courses, taking in to consideration that the baseline of modern linguistics is drawn from Saussure. Based on this consideration, we bring light to the fact that the didacticization of knowledge takes the same sequence as the constitution of the scientific speeches, without considering that, when transposed, this speech is already another – that is, different from the original.

Keywords: Initial teacher education; Syllabus; Letters; Saussure; Speech.

Introdução

Neste artigo centramos nossa atenção em documentos institucionais para compreender como determinados discursos são organizados em diferentes materialidades textuais, viabilizando que, sob uma análise teórico-metodológica definida, seja possível compreender as vozes que os perpassam, fazendo-nos perceber ressonâncias, ideologias em tensão. Com Surdi da Luz, argumentamos que isso é possível porque tais materialidades são recortes do universo do dizível. São “[...] objetos linguístico-histórico-

discursivos, a partir dos quais podemos analisar o funcionamento do interdiscurso na relação com o intradiscurso, bem como os modos de inscrição da história e dos sujeitos” (SURDI DA LUZ, 2014, p. 66).

Tendo isso em vista, objetivamos analisar ressonâncias do pensamento saussuriano no discurso sobre formação inicial de professores de línguas, a partir da compreensão das vozes que perpassam ementários de licenciaturas em Letras do Oeste catarinense. O objetivo específico é entender quais projeções desse perfil de formação inicial do profissional da área emerge dessas considerações.

Para tanto, foram selecionados três Projetos Pedagógicos de Curso – PPCs de instituições de ensino (IE) que oferecem formação em Letras no Oeste do estado de Santa Catarina. Os PPCs mencionados são dois de IEs privadas e um de uma IE pública, publicados nos anos de 2020 e 2021 e disponibilizados na internet. Essas universidades oferecem duas curso de Letras não presencial; e uma presencial. A materialidade específica de análise são os ementários, por isso um dos critérios de seleção foi que os PPCs tivessem a apresentação das ementas, seguidas ou não de referências. Os critérios de seleção das materialidades levaram em conta a região, a oferta do curso e a disponibilidade de encontrar os documentos on-line. A busca se deu inicialmente no e-Mec; depois, nos *sites* das IEs.

Para levar a cabo os objetivos propostos, recorreremos a um diálogo entre Teoria Dialógica do Discurso, História das Ideias Linguísticas (HIL) e Análise de Discurso franco-brasileira, em que a primeira contribui com a noção de *vozes discursivas*; a segunda, com a ideia de *percurso dos saberes* e a terceira com a noção de *ressonância discursiva*. Nesses termos, para contemplar o objeto em questão, realizamos, por um lado, uma análise que se volta para o interdiscurso que compõe as materialidades selecionadas; e, por outro, coloca a atenção no intradiscurso, a fim de entender o fio do discurso, que nos conduz à reflexão sobre “[...] a relação indissociável, tensa e contraditória, entre o Estado, as instituições e os saberes” (FERREIRA, 2009, p. 15).

Com este estudo, esperamos compreender, com base em Serrani (2001), as ressonâncias presentes nas materialidades discursivas que constituem o discurso sobre formação inicial do profissional de Letras, discorrendo sobre a questão de que escolher um saber e catalogá-lo, encerrá-lo em um ponto de vista específico, registra o que é (e o que não é) *saber* dentro de um determinado campo. Nosso desejo é que as considerações levantadas com o apoio teórico escolhido possibilitem pensar a historicidade das ciências (AUROUX, 2008), a fim de refletir sobre como os discursos científicos no campo das Letras se constituem saberes para essa comunidade científica e passam a demarcar a representação histórica dessa área, desenhando um percurso de formação.

2. Discurso sobre vozes sociais na tessitura do dizer

Mobilizamos a noção de *discurso sobre* para entender como a linguística saussuriana (re)aparece em discursos sobre formação de professores, especificamente nos ementários de cursos de licenciatura em Letras. Assim, voltar-se para essa noção é traçar uma perspectiva que considera o tempo e o espaço, isto é, a historicidade a fim de identificar vozes discursivas que tecem dizeres.

Nesse sentido, é oportuno convocar referenciais teórico-metodológicos que permitam uma

análise social e histórica, que compreenda a linguagem como um fenômeno também construído nesses termos, a fim de que seja possível tomar como ponto de partida o discurso para o entendimento dos sentidos que os materiais de análise deixam ver. Esse é o caso das perspectivas fomentadas pela Teoria Dialógica do Discurso, pela Análise de Discurso franco-brasileira e pela História das Ideias Linguísticas.

Discorrendo sobre a metodologia das ciências humanas, Bakhtin (2017 [1930-1940]) explica que uma compreensão geral sobre os fenômenos advém do desmembramento de atos menores de compreensão que devem partir:

1. [...] [da] percepção psicofisiológica do signo no físico (palavra, cor, forma espacial).
- 2) [da] sua *inteiração* (como conhecido ou desconhecido). A compreensão de seu *significado* reprodutível (geral) na língua.
- 3) A compreensão de seu *significado* em dado *contexto* (mais próximo e mais distante).
- 4) A compreensão ativo-dialógica (discussão-concordância). A inserção no contexto dialógico. O elemento valorativo na compreensão e seu grau de profundidade e de universalidade (BAKHTIN, 2017, p. 63).

Nessa citação, podemos entender que o autor nos conduz por um caminho de abordagem crítica, para olhar os fenômenos considerando sua interioridade e sua exterioridade, isto é, analisando elementos internos ao discurso, no que diz respeito à língua, suas formas de seleção e organização, no que diz respeito à estrutura e à composição dos enunciados; e externos a ele, mobilizando elementos de recepção e projeção dos discursos meio a suas relações dialógicas. Essa perspectiva tem a historicidade como um princípio imanente para acabamento “[...] da análise (do conhecimento e da interpretação) em um dado texto” (BAKHTIN ([1930-1940] 2017, p. 66), sem perder de vista os limites do texto e do contexto, para considerar que os signos presentes nas materialidades textuais comportam para além dos seus limites porque a compreensão e a interpretação se dão na relação com o mar de outros textos que circulam na sociedade (BAKHTIN [1930-1940] 2017).

Para o pensador russo, “Tudo isso se revela unicamente no nível do grande tempo” (BAKHTIN [1930-1940] 2017, p. 74), ou seja, na história, que deixa ver o diálogo infinito dos sentidos, mostrando que o que há são, como diz Bakhtin ([1930-1940] 2017), vozes e relações dialógicas construindo sentidos no tensionamento com o passado e com o futuro porque todo sentido se relaciona com a historicidade que o atravessa, tanto porque aponta para o que o antecede, quanto porque aponta para uma sucessão de possibilidades, em uma cadeia que sinaliza estabilizações ou renovações nesse jogo de não existir nem a primeira nem a última palavra. A história constrói um *continuum* de relações de sentido.

Nessa perspectiva, a língua(gem), como produto da vida social, é perpassada por relações dialógicas produzidas ao longo da história e tensionadas por ela. Por essa razão, com “[...] a ajuda da linguagem/língua, criam-se e formam-se os sistemas ideológicos (a ciência, a arte, a moral, o direito), e ao mesmo tempo o homem” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 264). Assim, a língua(gem) é organizadora dos processos de entender-se e do entender o mundo, já que, por meio da alteridade, permite que o *eu* e o *não eu* se constituam pela diferença, fazendo notar perspectivas e recortes de mundo. Nesses termos, atravessa os processos de significação e sentido, perpassa o simbólico porque mobiliza signos ideológicos, na edificação

de crenças, costumes, conceitos que compartilham os enunciados que dividem um mesmo horizonte. A língua(gem) é, nessa perspectiva, viabilizadora dos mais variados tipos de relações, ao mesmo tempo que é fruto dessas, já que “[...] é produto da atividade coletiva humana, e todos os seus elementos refletem a organização tanto econômica quanto sociopolítica da sociedade que a gerou” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 248).

Assim, todo discurso contém uma diversidade de vozes sociais que o tecem, porque há nas palavras uma memória semântica e social que constrói valorações (DAHLET, 2005; BUBNOVA, 2006). Essa perspectiva abre espaço para pensar o conceito de *discurso sobre*. Com Surdi da Luz (2010), argumentamos que ele se sustenta na memória histórica, forjada socialmente, de modo que organiza um determinado posicionamento sobre aquilo que constitui como objeto do dizer. Orlandi (1990) explica que o discurso sobre é organizador de interpretações porque ele é quem disciplina e delimita a memória, institucionalizando sentidos, de modo a construir argumentos de autoridade. Essa compreensão leva a pensar sobre como as teorias formatam o saber a partir da formalização de certos objetos, provocando modos de reconhecer e representar o saber na historicidade daquilo que analisamos.

Orlandi (2013), discorrendo sobre disciplinarização dos estudos da linguagem no Brasil, explica que o século XIX é marcado pelas relações de independência entre Brasil e Portugal, que levam à perspectiva nacional de língua e literatura brasileiras que organiza nossa sociedade, nossas instituições e marca a relação de trabalho dos profissionais da linguagem, delimitando concepções de ensino e percepções sobre língua(gem). Nesses termos, a autora chama a atenção para “[...] como a produção do conhecimento linguístico resulta em uma organização social do trabalho sobre a língua com efeitos para a organização do próprio conhecimento social” (ORLANDI, 2013, p. 230).

Nesse contexto, há a profissionalização do professor de Letras, que, inicialmente, modela a gramática do cânone luso-brasileiro e nesse mesmo cânone tem o ideal de bem falar. Somado a qualquer exemplar de erudição e bom uso da língua, os professores escreviam suas gramáticas e disciplinavam sobre a língua, cada um à sua maneira. No século XX, depois de 1950, com a criação da Nomenclatura Gramatical Brasileira – NGB, passa a existir uma uniformização da metalinguagem, agora vinculada à perspectiva do linguista, profissional que conhece cientificamente a língua – ganhando mais força desde a institucionalização da disciplina linguística nos cursos de ensino superior.

Conforme Schneider (2012; 2018), a institucionalização da linguística como disciplina obrigatória nos cursos de Letras ocorre via decreto Federal no ano de 1962, mas as discussões que marcam a presença da linguística no Brasil remontam a período anterior porque dizem respeito também aos agentes e aos espaços institucionais que legitimavam modos como esse domínio de saber se inseria no país. Assim, na perspectiva da autora, é preciso considerar que as discussões linguísticas se iniciam nos anos 1930, quando da proposição dos primeiros cursos de Letras, com profissionais brasileiros que se interessavam por linguística, e a partir de profissionais franceses visitantes, que compartilhavam uma visão europeia da linguística. Além disso, de acordo com Schneider (2018), é preciso destacar a importância das revistas que colocaram em circulação temáticas linguísticas e contribuíram para a legitimação desse saber em diferentes espaços, acadêmicos e não acadêmicos; bem como os congressos que discutiam essa pauta.

Todo esse cenário tensiona dois posicionamentos, o do gramático, que normatiza, mostrando

usos e desvios que cabem nessa prescrição; e do linguista, que discorre sobre usos pela via do discurso da ciência, elaborando metalinguagem que serve à unificação da compreensão dos fenômenos estudados. O aluno de Letras, nessa organização, constitui-se como profissional que sabe sobre a língua, tanto com base na perspectiva da gramática quanto em uma perspectiva linguística (ORLANDI, 2013). Esse panorama não é fixo porque as condições sociais, tecnológicas e teóricas levam à continuidade dos debates sobre os fenômenos e os objetos estudados.

É interessante pontuar que, no Brasil, embora haja cursos de bacharelado específicos em Linguística, a formação em Letras, licenciatura ou bacharelado, é a que enseja o caminho nas discussões da área. O percurso, então, inicia-se na graduação, quando há os primeiros contatos com componentes curriculares de Introdução à Linguística, bem como com demais componentes que vão mostrando diferentes linhas de pesquisa e suas interfaces dentro da linguística, de modo a formar uma visão alargada do fenômeno da língua(gem). Essa percepção vai se refinar na pós-graduação, nas especificidades do *lato* e do *stricto sensu* que localizam as pesquisas do profissional no âmbito da linguística e o titulam profissional da área.

Assim, por desenvolver justamente pesquisas embasadas teórico-metodologicamente na linguística, por recortar objetos e analisá-los sob essa ótica, é que esse profissional se constitui linguista, porque exerce um ponto de vista científico de análise da língua(gem) –teórico ou aplicado – e se coloca em interlocução com pares, movendo-se por comunidades de conhecimento, que são normativas para validar e reconhecer o que é produzido em determinado domínio de saber, conforme Auroux (2008). Assim, esse sujeito integra ambientes institucionalizados em que há legitimação do saber linguístico, circula por esses espaços em interlocução com outros profissionais da área, participa das discussões e contribui com a área, aportando movimentos de legitimação dos saberes em circulação a partir de suas pesquisas.

Nesse sentido, ser linguista edifica-se pela autorização de analisar, descrever, discorrer sobre as características e o funcionamento da língua(gem) e de posicionar-se acerca desse universo. Essa autorização lhe é outorgada pela formação específica na área e pela continuidade de estudos que lhe permitam, em suas pesquisas, acessar um horizonte de retrospectão, isto é, conforme explica Auroux (2008), um conjunto de conhecimentos antecedentes, que estão em relação com o tempo, porque se espriam pelas discussões que se deram em determinado campo ao longo da história. Isso lhe permitem projetar considerações, sempre ancoradas teórico-metodologicamente.

As pesquisas na Linguística, em suas diferentes ramificações, mostram que vai sendo tecido um discurso sobre a língua, manifestado em diferentes ângulos, teóricos ou aplicados. O estruturalismo, por exemplo, edificou-se como um discurso de autoridade sobre a língua, em razão de que o recorte apresentado por Saussure no “Curso de Linguística Geral – CLG” define o objeto da linguística. Costa, Schneiders e Sherer (2012) chamam a atenção para a importância de pensar sobre a palavra definição no âmbito da discussão da delimitação do objeto da linguística por Saussure porque ela marca a constituição da história de produção do conhecimento. A escolha por compreender que Saussure definiu o objeto da linguística também vem do fato, segundo as autoras, de que as ciências humanas lidam com objetos, pensando especificamente no caso das línguas, que preexistem a qualquer conhecimento linguístico, daí

o autor genebrino não ter descoberto o objeto da linguística, mas o definido.

Costa, Schneiders e Sherer (2012) argumentam que o CLG se inscreve na história da Ciência Linguística como um lugar de memória, que nos faz recontar a história da linguística desse ponto e determinar o percurso disciplinar a partir daí. Essa compreensão nos leva diretamente às questões que inspiraram esta pesquisa: como se organiza o currículo de formação inicial de Letras? Quais referências criam o discurso sobre LP? Para as análises, pautamo-nos em Serrani (2001, p. 40), quando define que existe “[...] ressonância discursiva quando determinadas marcas linguístico-discursivas se repetem, contribuindo para construir a representação de um sentido predominante”.

3. Do arquivo e do *corpus*: vozes em tensão

O arquivo deste estudo, compreendido como “[...] campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (PÊCHEUX 1997, p. 57), é formado pelos Projetos Políticos de Curso (PPC) de três cursos de Letras, constituindo-se, assim, em um arquivo documental/institucional, a partir do qual revisitamos ressonâncias do pensamento saussuriano no discurso sobre formação inicial de professores de línguas.

O *corpus*, para Orlandi (2002), em sua delimitação, não segue critérios empíricos, e sim teóricos. Isso porque, nas palavras da autora, a constituição dele e sua análise, em AD, estão intimamente relacionadas, tendo em vista que, ao se fazer a seleção do que faz parte do *corpus*, já se determinam as propriedades discursivas do que é selecionado. As ementas e demais textualidades que se mostram significativas para os objetivos da pesquisa, materiais esses de consulta pública, são nosso *corpus*.

A escolha dos PPCs se deu a partir de uma busca inicial no e-Mec, a fim de saber quais IEs atendiam a região Oeste catarinense. Depois, partimos para a verificação de quais dessas IES tinham seus PPCs disponíveis on-line. Em seguida, desses PPCs, ficamos com aqueles que apresentavam ementas abertas à consulta pública.

Quanto ao PPC das IES pesquisadas, foram encontrados on-line para *download* 7 PPCs de 4 IES. Fizemos dois caminhos de prova: buscar pelo PPC em cada *site*, bem como digitar no Google a entrada “PPC IES X curso Y”, em que X era preenchido pelo nome da IE e Y era o nome do curso de licenciatura pelo qual buscávamos. Referente a uma única instituição, encontramos em sua página virtual um documento intitulado Guia de Percurso, o qual apresenta o curso, objetivos, organização, matriz curricular, ementas dessa matriz, sistema de avaliação, enfim, um material que muito se assemelha ao conteúdo de um PPC, por isso foi recolhido e contabilizado como PPC.

Assim, a investigação se debruçou sobre a análise de três documentos, categorizadas como PPCs, oriundas de três IES, cujos nomes são referidos na forma de um código alfanumérico, composto pela letra maiúscula I (de instituição) e um número de 1 a 3, para indicar que são três as IES. Desse modo, temos a sequência: I1, I2 e I3, conforme mostra a Figura 1, que indica também o ano e o curso dos PPCs, bem como a modalidade de aula.

Quadro 1: Informações relativas às IES e às materialidades em análise

IES	PPC	ANO	CURSO	Modalidade
I1	I1	2020	Letras Port/Esp	Presencial
I2	I3	2021	Letras-Português	A distância
I3	I3	2021	Letras-Português	A distância
Total: 3	Total: 3			

Fonte: Produzido pelas autoras (2022).

Dito isso, passamos ao recorte, que chamamos de recorte discursivo (RD). O recorte é o resultado da relação entre a pergunta básica do analista e o material da análise. O recorte é considerado como uma unidade discursiva, um fragmento indissociável da linguagem e da situação (ORLANDI, 1987, p. 139).

No caso do *corpus* deste texto, consideramos como recorte as discursividades constitutivas dos documentos que compõem o *corpus*. Para encontrá-lo, foram analisados os PPCs das IES, selecionados componentes curriculares obrigatórios e verificadas, nas ementas e bibliografias, as regularidades em termos dos aspectos gerais trabalhados, a fim de chegarmos a um denominador comum que perpassasse o arquivo para compreender as vozes que marcam o perfil da formação inicial docente no Oeste catarinense. Assim, percorremos o arquivo buscando analisar as ressonâncias do pensamento saussuriano na formação do profissional de Letras, de modo que chegamos a 1 (um) RD com 3 (três) Sequências Discursivas (SDs), que nos propomos a compreender na seção que segue.

4. Ementários em tensão: conexões e projeções

Nesta seção é apresentado o RD, seguido de nosso gesto interpretativo-analítico. No que tange à organização do quadro que mostra o RD, há quatro colunas, nas quais cada uma contém, respectivamente, a indicação da SD; o período do curso em que é ofertado o CCR em análise; os títulos dos componentes curriculares (com o código da IE); a ementa, na íntegra ou em forma de excerto; e a referência bibliográfica, para o caso de especificar algum aspecto importante que demarque a constituição do arquivo.

A partir da análise do arquivo e do *corpus*, fizemos o recorte discursivo intitulado Aspectos Gerais de Fundamentação, uma vez que nele agrupamos componentes curriculares obrigatórios que apresentam caráter de introdução aos estudos linguísticos, que versam sobre fundamentos gerais da área, tal como é possível ver no Quadro 2.

Quadro 2: RD1: Aspectos Gerais de Fundamentação

SD	Período	CCR	EMENTA	Referências
SD1:	1	(I1a) Introdução aos estudos linguísticos	Breve histórico da produção do conhecimento linguístico. Os estudos da linguagem no campo da linguística: noções básicas e principais tendências teórico-metodológicas. Conhecimento linguístico e ensino.	A bibliografia básica do CCR indica o <i>Curso de Linguística Geral</i> ; a bibliografia complementar, dois livros sobre Saussure: <i>Introdução à leitura de Saussure</i> ; e <i>Para compreender Saussure</i> .
SD2	4	(I2) Linguística aplicada à LP	Aspectos e características gerais da linguagem: abordagens descritivas e normativas. Introdução à Linguística Moderna e às dicotomias saussurianas: língua/fala, sincronia/diacronia, relações sintagmáticas/paradigmáticas. Contextualização da Linguística Aplicada como área de conhecimento e pesquisa. As concepções de língua e linguagem aplicadas ao ensino de língua portuguesa em contexto de educação básica. [...].	A bibliografia apresenta Manuais de introdução à linguística e o livro <i>Saussure: a invenção da linguística</i> .
SD3	3	(I3) Introdução aos Estudos Linguísticos	A Linguística como estudo científico. A natureza da linguagem humana. Usos e funções da linguagem humana. Ferdinand de Saussure: o pai da Linguística Moderna. Níveis de análise linguística. Estruturalismo. Abordagens teórico-metodológicas de estudo da língua (gerativismo, funcionalismo e sociointeracionismo). Algumas áreas da Linguística (psicolinguística, neurolinguística, pragmática).	Não possui bibliografia

Fonte: as autoras (2022).

Para construir as análises, escolhemos o percurso da análise dos ementários das disciplinas constitutivas do arquivo documental/institucional, pois, como afirma Scherer, “[...] falar da história dos estudos linguísticos, a partir dos ementários, nos leva a uma compreensão mais específica da própria história disciplinar” (2005, p. 15). Isso posto, passamos à análise.

4.1 A linguística moderna como base para os estudos de Letras

No RD1, é possível notar que entre as SDs selecionadas há a essência de abordar os fundamentos da área das Letras, mostrando ao professor em formação inicial que a linha base do que é considerado linguística moderna é traçada a partir de Saussure. Entendemos que essa argumentação se realiza no tensionamento das palavras-chave na descrição da ementa ou essa com a bibliografia, já que os títulos dos CCRs são mais amplos, mencionando apenas linguística ou estudos linguísticos.

Esse discurso está em diálogo com o próprio CLG, no qual é declarado que os estudos anteriores

que tratavam da linguagem não tinham suas margens muito bem delimitadas, levando ao fato de que a linguística carecia de um objeto definido para erguer-se como ciência, nos parâmetros da época, porque “[...] os limites que a separam de outras ciências não aparecem sempre nitidamente” (SAUSSURE, 2006, p. 13).

Em razão disso, Saussure propõe que o objeto da linguística é a língua, que não se confunde com a linguagem, mas é uma parte essencial dela. Para o autor (2006, p. 17), a língua “[...] é um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Além disso, Saussure (2006, p. 18) justifica que a língua deve ser o objeto da linguística porque ela é “[...] um todo por si e um princípio de classificação”, dando motivos para tomá-la como norma de todas as manifestações da linguagem.

Justamente por essas delimitações metodológicas Saussure é considerado “[...] um divisor de águas no estudo científico da linguagem” (CARVALHO, 1997, p. 9). Como menciona De Mauro (2018) defende que a linguística contemporânea, com pesquisas nas mais diversas linhas, é tramada a partir de palavras-chave trabalhadas no CLG. Segundo o autor, a contribuição de Saussure está no estudo detalhado do aspecto arbitrário, que deixa ver a natureza social da língua, uma vez que “[...] os signos, na sua diferenciação recíproca e na sua organização em sistema, não respondem a nenhuma exigência natural que lhe seria externa, a única base válida de sua configuração particular em tal ou tal língua é o consenso social” (DE MAURO, 2018, p. 25-26).

No CLG, é possível perceber que existe uma grande preocupação em apresentar um recorte científico com clareza metodológica e indicação de um objeto definido, daí a obsessão em declarar o “verdadeiro” objeto da linguística (SAUSSURE, 2006, p. 10), em dizer como se organiza a “verdadeira linguística” (SAUSSURE, 2006, p. 15), “verdadeira ciência da linguística” (SAUSSURE, 2006, p. 18) ou mostrar o “verdadeiro” lugar da língua nos estudos de linguagem, como atestam os três primeiros capítulos do livro. Isso aponta a escolha de Saussure pela língua em razão da estabilidade desse objeto, de sua possibilidade de descrição, homogeneizada na perspectiva sincrônica.

Arrivé (2010) considera excessivo nomear o autor genebrino como quem atribuiu à linguística caráter científico, dado que “Saussure não fundou a linguística, que já possuía um longo passado científico quando ele nasceu. Mas sua obra está na origem de uma mutação considerável na evolução da disciplina.” (ARRIVÉ, 2012, p. 21). Assim, Arrivé reconhece o que chama de efeito Saussure, que seria a influência direta ou indireta de Saussure em muitos nomes da linguística. Segundo ele, “Saussure é o autor mais lido, mais traduzido, mais citado e mais comentado” (ARRIVÉ, 2012, p. 20) da área.

Costa, Schneiders e Scherer (2012) mencionam que o legado saussuriano trata-se de um arquivo e de um *corpus* constituído pelo conjunto heterogêneo dos textos atribuídos a Saussure e pelos textos editados por Saussure, que se desdobram em textos outros edificados a cada nova pesquisa/tradução/versão/coletânea ou obra que com esses dialoga, construindo a ideia de permanência e inconstância, alimentada toda vez que sai à luz um novo texto. A partir do argumento das autoras, é possível pensar que essa permanência se erige pela presença do CLG como publicação que alça a linguística como ciência, por isso todas as discussões que remetem ao “início” tocam o CLG de alguma forma.

Costa (2014, p. 88) explica que a permanência da discussão do CLG até os dias de hoje se deve à

“[...] complexidade do seu processo de edição, ao lugar que essa obra ocupou na história da Linguística, bem como às diferentes (re)leituras realizadas em diferentes momentos”. Esses argumentos servem também para pensar sobre a inconstância que ronda o CLG, já que tanto as condições de produção da obra são complexas quanto as discussões suscitadas a cada nova publicação que com ela se relaciona. A inconstância está na instabilidade da renovação dos sentidos que surgem a cada tradução, a cada nova pesquisa que se debruça sob um determinado ângulo do todo discursivo em que Saussure figura.

Como podemos ver no RD1, há vozes que demarcam essa influência de Saussure nos dias de hoje, quando os currículos de Letras estão perpassados por palavras-chave que se conectam a Saussure, seja na descrição do CCR, seja nas referências que o sustentam, tal como em **Breve histórico da produção do conhecimento linguístico; principais tendências** (na relação com o referencial); **Introdução à Linguística Moderna e às dicotomias saussurianas**; e **Ferdinand de Saussure: o pai da Linguística Moderna**, excertos que aparecem respectivamente nas materialidades das três IEs em cotejo, negritados no Quadro 2.

Ao analisar a formulação das ementas, em seu fio do discurso, ou seja, no nível intradiscursivo, entendemos que há ressonâncias de significação, tal como propõe Serrani (2001), ressonâncias que se linearizam no discurso via paráfrase discursiva. Com base em Leandro-Ferreira (2020, p. 225), entendemos a paráfrase como

[...] processo de efeitos de sentido que se produz no interdiscurso, retorno ao já-dito na produção de um discurso que, pela legitimação deste dizer, possibilita sua previsibilidade e a manutenção no dizer de algo que é do espaço da memória. A paráfrase é responsável pela produtividade na língua, pois, ao proferir um discurso, *o sujeito recupera um dizer que já está estabelecido e o reformula*, abrindo espaço para o novo. (LEANDRO-FERREIRA, 2020, P. 225).

No recorte que estamos analisando, há uma retomada do pensamento saussuriano. Não é observada repetição, mas sim recuperação e reformulação do que já está estabelecido e legitimado.

Se consideramos que o RD1 apresenta componentes curriculares que são ministrados nas IES entre o primeiro e o quarto período de curso, percebemos que esse caminho de apresentação dos estudos linguísticos constrói uma perspectiva que indica vozes que ressoam o discurso saussuriano como base imprescindível para a compreensão da linguística. Se tal perspectiva abre os currículos, essa visão já colore o campo das Letras com uma narrativa de que a linguística começa com Saussure. Isso nos leva ao gesto interpretativo de que, ainda que depois nos PPCs essa perspectiva se tensione com outras de outros CCRs, esse é o ponto de partida para mostrar como outras visões se aproximam ou se afastam dessa.

Inspiradas em Surdi da Luz (2010), dizemos que o RD1 apresenta Saussure como discurso fundador (ORLANDI, 2003) da linguística, fundador porque dá as bases do campo de saber que estudamos, no sentido de que, quando pensamos em linguística, a primeira relação que fazemos se conecta dialogicamente com Saussure. Como linguística é a ciência que estuda a linguagem, o campo das Letras está tecido por fios dialógicos, então, que se conectam a discursos anteriores, construindo uma trama de vozes que projeta uma rede de sentidos que pode ser pensada: Linguística-ciência-Saussure-

Letras. A esse tipo de discurso chamamos discurso-referência, já que evoca um já-dito, já que retoma um ponto em comum, para projetar sentidos a partir das conexões que fazemos quando do reconhecimento da cadeia dialógica identificada.

Surdi da Luz (2010) levanta uma importante reflexão sobre o fato de a didatização dos saberes nos cursos de Letras tomar a mesma sequência da constituição do discurso científico. Para a autora, iniciar por Saussure e fazer uma transposição do discurso científico para pedagógico é negligenciar o fato de que a passagem do discurso científico ao didático o transforma em outro. Em diálogo com esse entendimento, podemos questionar também se traçar o eixo epistemológico da linguística a partir de Saussure não é desconsiderar a história das ideias linguísticas.

Volóchinov (2017, p. 163, grifo do autor) explica que a visão saussuriana é uma dentre algumas que a linguística como ciência bem constituída já apresentava. Essa visão, abalizada por outros autores (tal como por Leibniz e sua percepção de gramática universal) é transpassada por uma perspectiva racionalista, “[...]caracterizada pela ideia da *condicionalidade, arbitrariedade da língua e também pela comparação entre o sistema da língua e o sistema de signos matemáticos*”. Tudo isso demonstra, segundo o autor russo, uma ligação com o pensamento cartesiano e uma visão de mundo neoclássica, que cultua a forma abstrata e o imóvel, tal como pretende o recorte sincrônico proposto por Saussure, seguindo tendências iluministas do século XVIII, colocando nessa forma a essência da linguística como a língua simplificada em um sistema de signos arbitrários, convencionais e racionais.

Essa é uma perspectiva, portanto, muito específica e fechada para comportar um objeto complexo, flexível e histórico – tal como entendido na filosofia da linguagem, teoria de onde fala Volóchinov. Quando Saussure delimita a língua sincronicamente observada como o objeto da linguística, diz Volóchinov (2017, p. 161), ele faz uma ruptura entre história e sistema da língua, criando uma dualidade insuperável já que “[...] o presente da língua e sua história não compreendem nem são capazes de compreender um ao outro”, daí não ser possível dizer que a essência da língua é seu sistema imutável e estável de formas idênticas entre si. Essa visão é insuperável porque abriu precedentes para que durante muito tempo o sujeito, o histórico e o discurso não fossem estudados.

Essas considerações ratificam nosso pensamento de que o recorte epistemológico que marca o caminho dos estudos de linguagem nos cursos de Letras iniciando por Saussure delinea já ao professor em formação um discurso-referência; um marco-zero, um ponto de início, valorando a história das ideias linguísticas a partir desse autor e na tensão com suas explicações. Esse discurso-referência que liga Letras-linguística-Saussure está inscrito na história de edificação dos cursos e na organização da própria linha de tempo dos estudos linguísticos, reverberando uma memória, já uma tradição de estudo, mas sempre é oportuno questionar essas demarcações para compreender quais sentidos se desdobram desses movimentos de tensão.

Para Colombat, Fournier e Puech (2010, p. 31, grifo dos autores), “[...]. Os linguístas do século XX têm relação com o saussurianismo por *filiação, formação ou reação*”. Segundo eles, soma-se a isso o fato de que o CLG é importante para outras áreas, uma vez que a obra é considerada uma “[...] *matriz* em vista da ‘modernização’ do conjunto das ciências humanas em círculos cada vez mais largos, servindo de referência ativa ou reativa”. Justamente por isso os autores mencionam que ainda hoje esse texto

é considerado no mundo em diferentes cursos universitários como iniciação à linguística. Sobre essa questão:

O problema colocado para a compreensão das questões ligadas à recepção do CLG é, de início, um problema historiográfico. A dificuldade aqui vem precisamente do que toda nossa apreensão “espontânea” do período é largamente retrospectiva e teleológica: em inúmeras histórias da linguística dos anos 1960 (Mounin, 1967; Lepschy, 1996), Saussure é o mais frequentemente representado como a origem e o fim das teorizações linguísticas, no esquecimento de mediações e sobretudo de primas de recepção que se interpõem entre ele e nós (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2010, p. 32).

O problema da recepção de Saussure – e das considerações históricas que isso abarca – é colocado pelos autores. Nós aqui alongamos o questionamento perguntando-nos como o mestre genebrino é lido e discutido nos cursos de Letras que o evocam. Estamos discutindo Saussure a partir do CLG (obra póstuma edificada a partir das anotações de diferentes pessoas? Estamos tensionando o CLG aos “Escritos de Linguística Geral” (obra escrita a partir dos manuscritos de Saussure, cujas ideias aparecem em estágio embrionário, muitas vezes de maturação, com aspecto lacunar)? Estamos lendo Saussure a partir de comentadores, que oferecem um panorama do chamado *estruturalismo*, apresentação essa atravessada por uma visão de compêndio ou manual?

Cada uma dessas experiências vai oferecer um percurso para pensar tanto o que Saussure propôs quanto o que significa ler a história da linguística a partir dele. E ainda: compreender a área das Letras a partir dessa reflexão! Isso porque, se o professor em formação inicia seu contato por Saussure, ele precisa delimitar o objeto da linguística nos moldes desse autor; depois, com a apresentação de outros CCRs, alargar ou restringir a visão em relação a qual é o objeto da ciência que se estuda pela ótica de cada corrente da linguística. Fica claro ao professor em formação que não se trata de ver a verdade, mas sim de compreender que há pontos de vista em tensão? Fica claro que cada corrente da linguística tem seu próprio objeto ou estamos discutindo se esses objetos se aproximam ou se afastam de Saussure?

Fiorin (2006), discorrendo sobre a composição do primeiro curso de Letras do Brasil, o da Universidade de São Paulo – USP, datado de 1934, explica que a pesquisa linguística surge no país com os cursos de Letras e a perspectiva dessa linguística que se começa a fazer no Brasil é resultado dos atores que estavam envolvidos à época de sua proposição, na historicidade daquele contexto de fixação das universidades. Em sua análise, destaca que a orientação histórico-comparativa imperava, com trabalhos sobre a evolução do português, em perspectiva diacrônica; e que as línguas estrangeiras e as clássicas tinham como objeto a literatura, com vistas à leitura dos textos originais ou à tradução dos originais para o português.

Apesar desse quadro, Fiorin menciona o fato de que, entre os anos de 1945 e 1946, na disciplina de Linguística Românica, de orientação histórico-comparativa, houve um movimento de ruptura, segundo ele (2006, p. 24), devido à formação de um dos catedráticos que atuava na USP. Assim, como o professor ministrante havia estudado na Universidade de Yale e sido aluno de Bloomfield, “[...] começam a difundir-se as ideias dos fundadores da Linguística Moderna. Essa será a base da formação de toda a

geração de linguistas, que estão em atuação em diferentes universidades”.

Esse fato nos leva a pensar sobre história e construção do saber científico e história e memória disciplinar, uma vez que, conforme a ciência se desenvolve, o saber científico se envolve, sob determinadas formas de representação, que passam a ter certos modos de transmissão, levados a cabo a partir de relações de afinidade, que circulam pela voz das comunidades científicas, que validam e legitimam os conhecimentos produzidos (AUROUX, 2008). Dessa compreensão, também destacamos que as IEs são formadas pelas pessoas que nelas atuam, construindo currículos a partir das filiações teórico-metodológicas dos sujeitos que decidem sobre ementas, CCRs, currículo, enfim, tudo aquilo que tem a ver com o perfil que será edificado na instituição. O capital humano da IE é transitório, já que cargos são ocupados em diferentes momentos por diferentes pessoas, fazendo circular perspectivas distintas, que se refratam nas decisões da instituição.

Assim, temos “[...] a história não apenas de fatos e dados, mas as condições de produção de uma certa memória disciplinar; de um certo controle, pelo institucional, quando da divisão disciplinar, quando de sua história” (COSTA; SCHNEIDERS; SCHERER, 2012, p. 2) e a relação entre a IE e os professores que desenvolvem suas atividades, a partir de uma determinada filiação teórica.

Os componentes curriculares dos PPCs analisados deixam ver uma percepção de língua(gem) relacionada com a perspectiva teórica na qual a disciplina se insere e essa visão, possivelmente, será mais bem detalhada nos planos de ensino, mas é possível inferir que no final a condução vai depender da formação do professor ministrante, que pode escolher dar, por exemplo, sintaxe a partir de diferentes perspectivas: sintaxe gerativa, sintaxe em perspectiva dialógica, sintaxe por uma abordagem mais prescritiva (o referencial teórico do CCR contribui para ver essa voz teórica que impera no viés escolhido).

Os títulos que nomeiam as disciplinas, os objetivos das disciplinas, suas propostas de ementa, dentre outros fatores são carregados de historicidade, ou seja, em determinado período histórico mudam conforme uma série de fatores políticos, sociais, econômicos, culturais etc., que determinam tanto sua caracterização quanto sua presença ou ausência nos currículos universitários. A posição que esses CCRs ocupam na matriz curricular também é algo que depende das percepções dos grupos que decidem a identidade do curso, bem como do espírito do tempo que marca as correntes teórico-metodológicas de cada época, priorizando o que deve ser visto no primeiro, segundo ou último período de curso.

Entendemos, a partir de Surdi da Luz (2010, p.162), que as disciplinas, aqui também nomeadas como CCRs, “[...] constituem-se em produtos históricos e instrumentos pedagógicos, pois o que é ensinado na escola deve estar sob o rótulo de uma disciplina, ou seja, deve estar em um lugar institucionalizado para se dizer”. Isso carrega as tendências de um recorte de tempo e também daquilo que se constitui como saber institucionalizado e validado em uma determinada área.

Neste texto não pretendemos questionar a importância de Saussure para a área das Letras, nem criticar a organização curricular dos cursos. O intuito foi analisar as ressonâncias do pensamento saussuriano e pensar o que isso pode reverberar na formação inicial, refletindo justamente sobre a compreensão que o aluno pode ter da linguística como ciência a partir de tal organização.

Considerações finais

Nosso gesto de análise indicou que há a essência de abordar os fundamentos da área das Letras, mostrando ao professor em formação inicial que a linha base do que é considerado linguística moderna é traçada a partir de Saussure, no sentido de que, quando pensamos em linguística, a primeira relação que fazemos se conecta dialogicamente com esse autor. Como linguística é a ciência que estuda a língua(gem), o campo das Letras está tecido por fios dialógicos que se conectam a discursos anteriores, construindo uma trama de vozes que projeta uma rede de sentidos que pode ser pensada: Linguística-ciência-Saussure-Letras. A esse tipo de discurso chamamos discurso-referência, já que evoca um já-dito, já que retoma um ponto em comum, para projetar sentidos a partir das conexões que fazemos quando do reconhecimento da cadeia dialógica identificada.

Dessa consideração, problematizamos o fato de a didatização dos saberes nos cursos analisados tomar a mesma sequência da constituição do discurso científico, sem considerar que, quando transposto, esse discurso já é outro. A questão é saber se fica claro ao aluno em formação o corte epistemológico que se realiza com as angulações dadas com a escolha do referencial teórico da ementa.

Com este estudo, esperamos ter apresentado uma discussão que tocou a temática das ressonâncias presentes nas materialidades discursivas que constituem o discurso sobre formação inicial do profissional de Letras, discorrendo sobre a questão de que escolher um saber e catalogá-lo, encerrá-lo em um ponto de vista específico, registra o que é (e o que não é) saber dentro de um determinado campo. Com isso, visamos a fomentar a importância de estimular uma aprendizagem crítica.

Referências

ARRIVÉ, M. **Em busca de Ferdinand de Saussure**. São Paulo: Parábola, 2010.

AUROUX, S. **A questão da origem das línguas**. Campinas: RG, 2008.

BAKHTIN, M. Por uma metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: 34, 2017.

BRAIT, B. Construção coletiva da perspectiva dialógica: história e alcance teórico-metodológico. In: FIGARO, R. (org.). **Comunicação e análise do discurso: as materialidades do sentido**. São Paulo: Contexto, 2012.

BRAIT, B; MAGALHÃES, A. S. (orgs). Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 2005.

BUBNOVA, T. Voz, sentido y diálogo em Bajtín. **Acta Poética**, v. 27, n. 1, 2006, p. 97-114. Disponível em: <https://revistas-filologicas.unam.mx/acta-poetica/index.php/ap/article/view/191>. Acesso em: 20 dez. 2022.

COLOMBAT, B.; FOURNIER, J-M.; PUECH, C. **Uma história das ideias linguísticas**. São Paulo: Contexto, 2017.

COSTA, M. I. Saussure após um século: a problemática do objeto da linguística. **Fragmentum**, v. 41, p. 87-122. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/20814>. Acesso em: 20 dez. 2022.

COSTA, M. I. S.; SCHNEIDERS, C. M.; SCHERER, E. A. Biblioteca Saussuriana à la Borges: Um convite. **Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 1-23, 2020. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/13438>. Acesso em: 17 jan. 2023.

COURTINE, J-J.. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em análise do discurso. **Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias**, v. 1, n. 1, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/118380>. Acesso em: 15 nov. 2022.

DAHLET, V. A entonação no dialogismo bakhtiniano. In: BRAIT, B. **Dialogismo e construção de sentido**. Campinas: Unicamp, 2005.

DA SILVA, A.. Nomenclatura gramatical brasileira na esteira da história das ideias linguísticas. **Verbum**. v. 10, n. 03, 2021 . Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/issue/view/2664>. Acesso em: 28 dez. 2022.

DE MAURO, T. ... **Fragmentum**, [S. l.], n. ESPEC, p. 239–257, 2018. DOI: 10.5902/2179219436595. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/36595>. Acesso em: 4 abr. 2023.

FERREIRA, A. C. F. A linguística e outros nomes de saber sobre a linguagem. **Revista de Letras**, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rl/article/view/1106>. Acesso em: 28dez. 2021.

FIORIN, J. L. A criação dos cursos de Letras no Brasil e as primeiras orientações da pesquisa linguística universitária. **Letras e Línguas**. v. 7, n. 12, 1. sem. 2006, p. 11-25. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/887>. Acesso em: 26 nov. de 2022.

LEANDRO-FERRERIA, M. C. (org.). **Glossário de termos do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 2020.

ORLANDI, E. **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

ORLANDI, E. **Terra à vista**: discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez, 1990.

ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 2.ed. Campinas: Pontes, 1987.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. (org.) **Gestos de leitura**: da história no discurso. Traduzido por Bethânia S. Mariani [et.al.] Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHERER, A. E. Linguística no Sul: estudo das ideias e organização da memória. In: GUIMARÃES, E.; BRUM DE PAULA, M. R. (orgs.). **Sentido e Memória**. Campinas: Pontes, 2005.

SCHNEIDERS, C. M.. O conhecimento linguístico em livros introdutórios: uma reflexão sobre o modo de conceber a Linguística. **Fragmentum**, [S. l.], n. 33, p. 63–70, 2012. DOI: 10.5902/6750. Disponível

em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/6750>. Acesso em: 3 abr. 2023.

SCHNEIDERS, C. M.. As revistas científicas e a disciplinarização dos estudos linguísticos no Brasil. **Fragmentum**, [S.l.], n. 52, p. 81–97, 2019. DOI: 10.5902/2179219436814. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/36814>. Acesso em: 30 mar. 2023.

SERRANI-INFANTE, S. M. Resonancias discursivas y cortesía en prácticas de lecto-escritura. **D.E.L.T.A.**, v. 17, n. 1, p. 31-58, 2001. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/39752/26908>. Acesso em: 28 dez. 2022.

SURDI DA LUZ, M. N. **Linguística e ensino**: O discurso de entremeio na formação de professores de Língua Portuguesa. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/3967>. Acesso em: 20 jan. de 2023.

SURDI DA LUZ, M. N. Linguística e ensino: a formação de professores de língua portuguesa. **Revista Línguas & Letras** – Unioeste, v. 15, n. 28, 2014. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/9788>. Acesso em: 12 nov. 2022.

ROSSI, J. C.; SOUZA, A. C. de. Concepções de linguagem na Base Nacional Comum Curricular: Reflexões para o ensino de Língua Portuguesa. COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição; KRAEMER, M. A. D.. **Uma leitura Crítica da BNCC**: compreensões subjacentes. Campinas: Mercado das Letras, 2019.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: 34, 2019.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. São Paulo: 34, 2017.